

“UM MASSACRE SILENCIOSO QUE CONTINUA”: UM OLHAR CRIMINOLÓGICO SOBRE OS DANOS SOCIAIS CAUSADOS PELO AMIANTO¹

“A SILENT KILLER THAT STILL CONTINUES TODAY”: A CRIMINOLOGICAL OVERVIEW OF THE SOCIAL HARMS CAUSED BY ASBESTOS

“UNA MASACRE SILENCIOSA QUE CONTINUA”: UNA MIRADA CRIMINOLÓGICA SOBRE LOS DAÑOS SOCIALES CAUSADOS POR EL AMIANTO

Marília de Nardin Budó²

Licença CC BY:

Artigo distribuído sob os termos Creative Commons, permite uso e distribuição irrestrita em qualquer meio desde que o autor credite a fonte original.



Resumo: O Brasil foi, até novembro de 2017, o terceiro maior exportador e consumidor de amianto no mundo, apesar de a comprovação do caráter cancerígeno da fibra ter pelo menos cinquenta anos. O banimento na Europa leva as empresas a funcionarem onde o *lobby* encontre Estados suscetíveis ao argumento econômico em detrimento da saúde pública. Neste trabalho, trago os resultados de uma pesquisa de campo sobre o processo de vitimização pelo amianto na cidade de Casale Monferrato, primeira a bani-lo na Itália. Considerando o caráter *sui generis* do caso, e com o objetivo de compreender a experiência da vitimização e a passagem do dano individual à luta coletiva, apresento a análise de uma das entrevistas em profundidade realizada na cidade, além de alguns dos resultados da observação participante. Inicialmente, apresento o marco teórico criminológico crítico, sob o enfoque dos crimes dos poderosos e do dano social, além de expor o histórico da Eternit de Casale Monferrato. Na segunda, exponho as reflexões metodológicas, além de analisar uma das entrevistas realizadas. As conclusões apontam para uma ponte epistemológica construída entre os níveis micro e macro de análise a partir do campo, demonstrando sua importância política na visibilização dos danos e da luta social contra o poderio de grandes corporações.

Palavras-chave: Criminologia crítica, dano social, amianto, Casale Monferrato, crimes dos poderosos.

1 Este artigo é resultante da pesquisa “Crimes dos poderosos e dano social: os processos de vitimização pelo amianto do norte ao sul global”, financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES), por meio do programa de estágio pós-doutoral (PDE) realizado na Universidade de Barcelona e pela Fundação Meridional.

2 Professora e pesquisadora no PPGD/IMED. Pós-doutora em criminologia pela Universidade de Barcelona. Doutora em Direito pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Mestre em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Especialista em Pensamento Político Brasileiro pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Graduada em Direito e em Jornalismo pela UFSM. *E-mail:* mariliadb@yahoo.com.br.

Abstract: Until November 2017, Brazil was the third largest exporter and consumer of asbestos in the world, despite the fact that the carcinogenic dangers of its fibers have been known for at least fifty years. Its banishment in Europe leads businesses to operate in countries where the lobby finds the government susceptible to the economic argument to the detriment of public health. In this work, I bring the results of a field survey on the process of asbestos victimization in the city of Casale Monferrato, the first to ban it in Italy. Considering the sui generis nature of the case, and seeking to understand the experience of victimization and the transfer of individual harm to the collective struggle, I present some of the results of participant observation and in-depth interviews conducted in the city. Initially, I present the theoretical critical criminological framework, focusing on the crimes of the powerful and social damage, as well as outlining the history of Eternit de Casale Monferrato. Secondly, I present some methodological reflections, and an analysis of one of the interviews. The conclusions point to an epistemological bridge built between the micro and macro levels of analysis from the field, demonstrating its political importance in the visibility of damages and the social struggle against the power of large corporations.

Key-words: Critical criminology, social harm, asbestos, Casale Monferrato, crimes of the powerful.

Resumen: El Brasil fue, hasta noviembre de 2017, el tercer mayor exportador y consumidor de amianto en el mundo, a pesar de que la comprobación del carácter cancerígeno de la fibra tenga por lo menos cincuenta años. La prohibición en Europa lleva a las empresas a funcionar donde el lobby encuentre Estados susceptibles al argumento económico en detrimento de la salud pública. En este trabajo, traigo los resultados de una investigación de campo sobre el proceso de victimización por el amianto en la ciudad de Casale Monferrato, primera a prohibirlo en Italia. Considerando el carácter sui generis del caso, y con el objetivo de comprender la experiencia de la victimización y el pasaje del daño individual a la lucha colectiva, presento el análisis de una de las entrevistas en profundidad realizada en la ciudad, además de algunos de los resultados de la observación participante. Inicialmente, presento el marco teórico criminológico crítico, bajo el enfoque de los crímenes de los poderosos y del daño social, además de exponer el histórico de la Eternit de Casale Monferrato. En la segunda, expongo las reflexiones metodológicas, además de analizar una de las entrevistas realizadas. Las conclusiones apuntan para un puente epistemológico construido entre los niveles micro y macro de análisis a partir del campo, demostrando su importancia política en la visibilidad de los daños y de la lucha social contra el poderío de grandes corporaciones.

Palabras-clave: Criminología crítica, daño social, amianto, Casale Monferrato, crímenes de los poderosos.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, opto por trazer a lume a vivência que tive como pesquisadora na cidade de Casale Monferrato, Província de Alessandria, região do Piemonte na Itália, em 2016. A cidade é conhecida internacionalmente pela luta das vítimas e dos familiares pelo banimento do amianto, não somente na cidade e no país, mas pelo seu ativismo internacional.

Trata-se de um caso *sui generis* que, em razão de sua especificidade, conduziu-me até lá, no período em que realizava estágio pós-doutoral, para entrevistar as pessoas envolvidas com essa luta. Assim como muitas cidades brasileiras mais recentemente têm vivido, Casale Monferrato foi uma das cidades assoladas pela indústria do amianto durante quase todo o século passado, tendo como resultado contaminação ambiental, milhares de mortos e ainda um pico de danos que somente chegará no ano de 2020, 34 anos após o fechamento da fábrica da Eternit na cidade³.

A importância do estudo de uma realidade aparentemente tão distante da brasileira aparece no exato momento em que as narrativas das vítimas iniciam: processos de encobrimento, invisibilização, inverdades a respeito das doenças provocadas pelo amianto foram lá uma realidade durante todo o século XX. Tudo o que se contou para tentar desresponsabilizar a empresa, é o que se conta até hoje no Brasil. O processo judicial para a obtenção seja de memória e verdade, seja de justiça na forma de indenizações e condenações penais expressivas, ainda estão em andamento, e cada vez se torna mais difícil visualizar a real possibilidade de mínima reparação. O impacto causado pela fábrica da Eternit em Casale não é diferente daquele visto em muitas cidades brasileiras. Com uma diferença: no Brasil, apenas muito recentemente, em novembro de 2017, foi proibida, por meio de uma ação direta de inconstitucionalidade (ADI 4066), a extração, produção e comercialização de amianto no Brasil. Ou seja, se em Casale, onde o fechamento da fábrica ocorreu em 1986 e o banimento total do amianto ocorreu em 1992, o pico das mortes causadas pelo amianto chegarão apenas em 2020, o que dizer das numerosas cidades brasileiras que ainda utilizam essa fibra e de uma indústria ainda em franco crescimento em várias outras partes do mundo?

Apesar de ter na base essa experiência, neste trabalho tenho como principal objetivo o de compreender de que maneira é possível construir a ponte entre micro e macroníveis de análise no âmbito da criminologia crítica, em especial dos crimes dos poderosos. Trata-se de uma pergunta que segue mobilizando

3 ALTOPIEDI, R. **Un caso di criminalità d'impresa**: l'Eternit di Casale Monferrato. Torino: L'Harmattan Italia, 2011.

muitos estudiosos do campo, sobretudo após a chamada ruptura de paradigma em criminologia, com influência marxista, nos anos 1970. Se, por um lado, essa ruptura tem como principal transformação uma mudança de objeto e de método no campo, passando de uma análise etiológica do comportamento criminoso a um estudo sobre os processos de construção seletiva da criminalidade⁴, por outro lado, muitas são as buscas atualmente de se reencontrar com a pesquisa empírica na compreensão dos grandes problemas de que hoje se ocupam criminólogas e criminólogos. Este trabalho trata sobre a forma como a pesquisa sobre dano social e criminalidade estatal-corporativa pode combinar elementos de uma criminologia de enfoque macroanalítico, sobretudo a respeito da base crítica ao capitalismo, com um enfoque microanalítico, a respeito da experiência de vitimização e da maneira como ela se constrói subjetivamente para os diferentes afetados. Para tanto, subdividi o trabalho em duas partes. Na primeira, trabalho com uma conceituação dos termos a partir dos quais debaterei os danos sociais causados pelo amianto e a experiência de vitimização ocupacional/ambiental, além de expor a realidade específica da desolação provocada pela fábrica da Eternit na cidade de Casale Monferrato. Na segunda, exponho alguns questionamentos metodológicos a respeito da entrevista em profundidade e da observação participante para, em seguida, expor o percurso de uma das entrevistas realizadas na cidade no dia 10 de julho de 2016. Este artigo não tem o objetivo de explorar detalhadamente todos os resultados da pesquisa de campo, mas apenas utilizar exemplificativamente uma das entrevistas para debater tanto a importância do testemunho na compreensão dos danos sociais corporativos, quanto para visualizar a ponte entre os enfoques micro e macro nesse tipo de estudo.

1 CRIMES DOS PODEROSOS, VITIMIZAÇÃO DE MASSA E LUTA

Os maiores danos causados à humanidade e ao meio ambiente são provocados pela ação concertada entre Estados e Mercados e, notadamente, por envolverem instituições detentoras dos poderes político e econômico, permanecem de fora da categoria jurídica de "crime". Diante dessa constatação, a criminologia vem se desvencilhando dessa categoria para definir seu objeto⁵. Este tópico tem por objetivo situar a pesquisa em um campo da

4 BARATTA, Alessandro. **Criminologia crítica e crítica do direito penal**. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

5 BERNAL, C. E.; CABEZAS, S.; FORERO, A.; RIVERA, I.; VIDAL, I. Un debate epistemológico sobre el daño social, los crímenes internacionales y los delitos de los mercados. In: RIVERA, I. (Coord.). **Delitos de los Estados, de los Mercados y daño social**. Barcelona: Anthropos, 2014.

criminologia crítica interessado no estudo dos danos sociais corporativos a partir do olhar de suas vítimas. Em um primeiro momento, apresento o marco teórico da pesquisa para, em seguida, expor o campo onde uma das etapas das entrevistas foi realizada.

1.1 O DANO SOCIAL COMO OBJETO DA CRIMINOLOGIA

Desde os estudos elaborados ainda na primeira metade do século XX a respeito dos crimes cometidos por agentes do topo da pirâmide social, como aqueles elaborados por Sutherland⁶, muitos foram os autores e as autoras que buscaram categorizar cientificamente essas condutas. Sob o título de “crimes dos poderosos”, Friedrichs abarcou Estados e empresas que atuam conjunta ou separadamente contra o erário público, pessoas, animais não humanos e meio ambiente⁷. Nessa definição estariam inseridas condutas danosas não necessariamente previstas como crime pela legislação penal⁸. Tanto a perspectiva voltada aos danos ambientais – a *green criminology* –, quanto aquela sobre danos sociais de maneira genérica, permitem refletir desde um ponto de vista fundamental: o sistema econômico em que se vive não é responsável somente pela instrumentalização das diferentes estruturas de controle penal para a reprodução social das desigualdades. Ele próprio, com seus princípios ligados à acumulação irresponsável de capital independentemente de custos humanos e ambientais, é responsável direto pelo maior número de mortes de seres humanos, danos ao meio ambiente, além do assassinato diário de espécies inteiras de animais⁹.

Ao tratarem sobre “o criminoso corporativo”, Tombs e Whyte demonstram claramente que a única solução para o problema dos gigantes danos sociais causados pelas grandes corporações é a sua própria abolição. Trata-se de um formato de empresa que nega, em absoluto, qualquer possibilidade de prestação de contas sobre os seus feitos. “Em outras palavras, a criminalidade faz parte do DNA das modernas corporações. A única solução possível a esse ‘crime’ é abolir os privilégios legais e políticos que garantem às corporações agir com impunidade”¹⁰.

6 SUTHERLAND, Edwin H. White Collar Criminality, *American Sociological Review*, v. 5, n. 1, Feb. 1940, p. 1-12.

7 FRIEDRICHS, D. O. Crimes of the powerful and the definition of crime. In: BARAK, G. (ed.). *The Routledge International Handbook of the Crimes of the Powerful*. New York: Routledge, 2015. p. 39-49. p. 43.

8 NATALI, L. *Green criminology: Prosettive emergenti sui crimini ambientali*. Torino: G. Giapichelli, 2015.

9 SILVA, M. B. de O. Crise ecológica e crise(s) do capitalismo: o suporte da teoria marxista para a explicação da crise ambiental. *Direito e realidade*, v. 1, n. 2, 2011.

10 TOMBS, S.; WHYTE, D. *The corporate criminal*. London/New York. Routledge, 2015. p. 3.

Esse poder econômico corresponde a um gigantesco poder político, proveniente tanto da interdependência econômica com os Estados, quanto do planejamento político em financiamento de campanhas e *lobby* no Parlamento para garantir a perseguição de seus fins na elaboração das leis. No caso da indústria dos alimentos, por exemplo, os dados mostram uma enorme concentração de propriedade nas mãos de quatro grandes corporações, que controlam desde a produção de grãos e frutas, até fertilizantes, químicos em geral e a alimentos transgênicos¹¹.

Sabendo que o interesse das grandes corporações é o lucro, perceber que setores tão importantes como saúde, alimentação e informação estão nas mãos de uns poucos gigantes globais é, no mínimo, preocupante. Torna-se, então, fundamental investigar de que maneira as suas ações impactam o meio ambiente e os animais, humanos e não humanos. Como observam Bernal et al., “denunciar e esclarecer como funciona o poder; as formas que toma a violência é uma tarefa que deve continuar sendo essencial, dentro e fora da criminologia.

*Trazer de volta o Estado é importante. Pôr os mercados no centro da mira é primordial*¹². De fato, as concessões estatais garantidas aos interesses organizacionais dos poderosos e à acumulação de capital é tão antiga quanto o próprio capitalismo¹³.

Isso significa que esse ramo da criminologia crítica também não tem como sucumbir às ilusões do sistema penal: não se trata de um punitivismo de esquerda¹⁴ que, ao buscar denunciar a criminalidade dos poderosos, acaba legitimando a ação do sistema penal, ele próprio estruturalmente montado para funcionar a serviço do capital. Isso seria uma contradição¹⁵. Assim, ao colocar o dano social no centro dos objetos de análise está-se, antes de qualquer outra coisa, denunciando as próprias organizações políticas e econômicas

11 TOMBS, S.; WHYTE, D. **The corporate criminal.**

12 BERNAL, C. E; CABEZAS, S.; FORERO, A.; RIVERA, I.; VIDAL, I. Un debate epistemológico sobre el daño social, los crímenes internacionales y los delitos de los mercados.

13 BARAK, Gregg. The Crimes of the Powerful and the Globalization of Crime. **Revista Brasileira de Direito**, 11(2): 104-114, jul.dez. 2015. p. 104.

14 KARAM, M. L. A esquerda punitiva. **Discursos sediciosos: crime, direito e sociedade**, ano 1, n. 1, 1996. p. 79-92.

15 ALVESALO, A; TOMBS, S. Working for criminalization of economic offending: contradictions for critical criminology? **Critical criminology**, n. 11, p. 21-40, 2002.

vigentes, nas esferas local, nacional e global, sem cuja superação não é possível imaginar mudanças no insustentável desenvolvimento do capital e em todas as vitimizações que o acompanham¹⁶. Ultrapassar o conceito de crime para o de dano social permite à criminologia compreender o impacto de ações que não são alcançadas pela definição de proibidas, ilegais ou criminosas, mas que provocam mais dor, sofrimento e mortes do que aquelas classicamente etiquetadas sob tais rótulos¹⁷. Trata-se, ainda, de partir justamente das concepções de vitimização como ubíquas, garantindo o reconhecimento de suas formas mais danosas para além daquelas comumente reconhecidas pela mídia, pelo direito e pelo Estado¹⁸.

Muito recentemente, a partir dos anos 1990, alguns autores passaram a tratar especificamente da temática do dano ambiental por meio da experiência da vitimização ambiental, sem perder de vista a relação entre o capitalismo, o controle penal e o poder. Trata-se de uma temática desenvolvida sob o título de "criminologia verde", ou "*green criminology*"¹⁹. O objeto da criminologia verde são os danos ambientais provocados por indivíduos, Estados e empresas, seja em razão de uma atividade, seja em razão de uma negligência que leva desastres naturais a consequências ainda mais graves²⁰. Esses estudos seguem, portanto, a crítica epistemológica da criminologia que entende não poder a disciplina permanecer adstrita aos conceitos do direito penal, sob o risco de os próprios criminólogos desempenharem o papel de defensores da ordem²¹. Também reside nessa crítica a constatação de que os maiores danos sociais causados não são aqueles que o direito penal e o sistema penal estão habituados a problematizar e a perseguir: são eles crimes invisíveis, promovidos por grupos poderosos sempre na articulação entre Estados e mercados²².

16 BARAK, G. On the visibility and neutralization of the crimes of the powerful and their victims. In: _____. (ed.). **The Routledge International Handbook of the Crimes of the Powerful**. New York: Routledge, 2015. p. 33.

17 HILLYARD, P.; TOMBS, S. Beyond criminology? In: HILLYARD, P. et al. **Beyond Criminology: Taking Harm Seriously**. London: Pluto Press, 2004. p. 184.

18 MUNCIE, J. Decriminalising Criminology. **The British Criminology Conference: Selected Proceedings**. v. 3. Papers from the British Society of Criminology Conference, Liverpool, July 1999. Editors: George Mair and Roger Tarling.

19 BEIRNE, P.; SOUTH, N. **Issues in Green Criminology: confronting harms against environments, humanity and other animals**. New York: Routledge, 2013.

20 NATALI, L. **Green criminology**.

21 SCHWENDINGER, H.; SCHWENDINGER, J. Defensores da ordem ou guardiães dos direitos humanos? In: TAYLOR, I.; WALTON, P.; YOUNG, J. **Criminologia crítica**. Rio de Janeiro: Graal, 1980. p.113-134.

22 DAVIES, P.; FRANCIS, P.; WYATT, T. (orgs.). **Invisible Crimes and Social Harms**. London: Palgrave, 2014.

Em razão disso, também fogem do clássico processo de construção científica que parte das instâncias de controle: a palavra das vítimas e as pesquisas contando com metodologias empíricas qualitativas das mais variadas maneiras são frequentes. Um exemplo é a utilização de metodologias visuais na interação com participantes da pesquisa na busca pela representação social da experiência de vitimização²³.

Trata-se, portanto, de um encontro metodológico empírico qualitativo que busca a experiência subjetiva e que dimensiona o dano social não a partir de dados geológicos, químicos ou biológicos a seu respeito, mas do impacto sentido por aquelas e aqueles que possuem relação estreita com sua terra. Por isso também, toda a crítica proveniente de campos como a epistemologia feminista²⁴ e as ciências sociais²⁵ de modo genérico a respeito dos ideais de objetividade científica e de neutralidade da ciência devem ser levadas em consideração, como mostro no tópico 2.1.

É desse ponto de vista que parto para estudar o caso do amianto: para além de um caso que envolve danos relacionados ao trabalho, a contaminação ambiental em algumas regiões é um problema extremamente grave, levando à morte pessoas de todas as idades. A Organização Mundial da Saúde calcula que pelo menos 107 mil pessoas morrem por ano no mundo por doenças relacionadas ao amianto²⁶, dentre elas a asbestose, o câncer de pulmão e o mesotelioma. Os tipos de câncer causados pelo amianto provocam cerca de metade das mortes causadas por câncer ocupacional²⁷. Já existem estudos demonstrando a relação entre a exposição ao amianto e a asbestose desde o ano de 1907²⁸. A relação entre o amianto e o mesotelioma está comprovada oficialmente desde os anos 1960, muito embora a informação tenha sido ocultada pelas empresas enquanto puderam²⁹,

23 NATALI, L. Criminology, victimización medioambiental y social harm - El caso de Huelva (España). **Revista Crítica Penal y Poder**. OSPDH, n. 7, pp. 5-34, set. 2014.

24 HARDING, S. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v.1, n. 1, p.7-31, 1993.

25 BECKER, H. S. Whose Side Are We On? **Social Problems**, Vol. 14, No. 3, pp. 239-247, 1967.

26 O amianto, ou asbesto, é um mineral extraído em minas e que facilmente se separa em fibras. Seu uso principal na atualidade se dá na construção civil. As palavras que designam este mineral – asbesto, na origem grega; amianto, na origem latina – significam, respectivamente, incombustível e incorruptível.

27 WORLD HEALTH ORGANIZATION. Chrysotile Asbestos. October 2014. Disponível em: <http://www.who.int/ipcs/assessment/public_health/chrysotile_asbestos_summary.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2016.

28 MENDES, R. Asbesto (amianto) e doença: revisão do conhecimento científico e fundamentação para uma urgente mudança da atual política brasileira sobre a questão. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 17(1):7-29, jan-fev, 2001.

29 LILIENFELD, D. E. The Silence: The Asbestos Industry and Early Occupational Cancer Research-A Case Study. **American Journal of Public Health**, June 1991, Vol. 81, No. 6, p. 791-800.

e o elevado caráter carcinogênico de pulmão de todos os tipos de amianto vem sendo repetitivamente afirmado no mundo acadêmico há décadas. Contudo, por mais que o amianto tenha sido banido na Europa e em mais de sessenta países, o fato é que sua produção, fabricação e comercialização está aumentando, tendo se deslocado para o sul global³⁰. Apesar de a literatura científica demonstrar claramente os dados anteriormente descritos, o fato é que alguns estudiosos vêm, desde a primeira metade do século, buscando silenciar as descobertas sobre o caráter danoso à saúde em qualquer tipo de exposição ao amianto. Em grande parte dos casos, mais cedo ou mais tarde se descobre a vinculação dos cientistas signatários dos artigos publicados com a própria indústria do amianto³¹. Muitos desses pesquisadores, inclusive, mudaram de posição após terem tido suas pesquisas financiadas pela indústria³². Hoje, a principal hipótese científica que sustenta a manutenção do amianto como matéria-prima em países como Brasil, Índia, Paquistão, Rússia e China é a diferenciação entre dois tipos de amianto, o amianto crisotila, ou amianto branco; e os anfibólios, ou amianto azul.

A chamada “hipótese dos anfibólios” vem garantindo ao sul assumir a ideia de que há a possibilidade de estabelecer contato com o amianto de forma segura, seguindo algumas precauções. As principais consequências da defesa dessa hipótese no âmbito científico e sua publicização são a adoção de padrões de segurança mais flexíveis para o contato com a crisotila, assim como a denegação judicial de indenizações em casos de exposição exclusiva a essa modalidade da fibra. Isso tem ocorrido mesmo no caso do Brasil, em que cientistas pagos pela indústria do amianto têm buscado influenciar no processo de tomada de decisões em audiências públicas no STF e também no Congresso Nacional³³. Ou seja, as consequências políticas da defesa daquela tese são muito mais importantes do que a quantificação³⁴. Daí a importância de pensar qual é o papel do discurso

30 RUFF, K. **Exporting Harm**: How Canada Markets Asbestos to the Developing World. Ottawa: Rideau Institute, 2008.

31 BOCKING, S. **Nature's Experts**: Science, Politics, and the Environment. New Brunswick/New Jersey/London: Rutgers University Press, 2004.

32 McCULLOCH, J; TWEEDALE, G. **Defending the indefensible**: The Global Asbestos Industry and its Fight for Survival. Oxford: Oxford, 2008.

33 BUDO, M de N. O caso do amianto no Brasil sob a ótica da criminologia: invisibilidade e dano social. In: TRINDADE, André Karam; ESPINDOLA, Angela Araujo da Silveira; BOFF, Salete Oro. **Direito, Democracia e Sustentabilidade**. Passo Fundo: IMED, 2015. p. 253-286.

34 CULLEN, M. R. The Amphibole Hypothesis of Asbestos-Related Cancer: Gone but Not Forgotten. **American Journal of Public Health**, Editorials, Annotations, and Topics, vol. 86, No.2., p. 158-159, February 1996.

científico claramente comprado pela indústria na ocultação e na propagação dos danos causados pelos mercados, em casos como este, conhecido como o maior genocídio laboral da história, tema ao qual me dediquei em outra oportunidade³⁵.

1.2 UMA HISTÓRIA DE CONTRAPODER: CASALE VERSUS ETERNIT

A cidade de Casale Monferrato está localizada na região do Piemonte, na Itália. Possui cerca de 37 mil habitantes e teve como grande motivo de desenvolvimento econômico durante o século XX as fábricas de cimento e, principalmente, a instalação da fábrica de fibrocimento da Eternit. Em 1907, mesmo ano da publicação, na Inglaterra, do primeiro estudo relacionando à exposição ao amianto à asbestose³⁶, foi inaugurada a fábrica da Eternit na cidade de Casale Monferrato, tendo funcionado até 1986. O estabelecimento chegou a ser o maior na fabricação de produtos de cimento-amianto na Europa³⁷.

Na primeira metade do século XX, Casale Monferrato chegou a ser conhecida como "*la città bianca*"³⁸, em razão de que o pó do amianto e do cimento estava por todas as partes³⁹. A aparência, contudo, não significava qualquer tipo de insegurança por parte dos habitantes da cidade. Pelo contrário: a fábrica da Eternit representava para os trabalhadores um lugar seguro, onde trabalhar⁴⁰, recebendo um salário em média mais elevado do que em outros lugares, com numerosas vantagens em termos de turnos de trabalho, além da possibilidade de uma aposentadoria tranquila no futuro. Além disso, tratava-se de um *status* perante a comunidade: trabalhar na fábrica era motivo de orgulho para todas as famílias dos operários, que deixavam de ser agricultores e carregavam consigo o ideal de progresso tão desejado no início do século⁴¹.

35 BUDÓ, M de N. Danos silenciados: a banalidade do mal no discurso científico sobre o Amianto. **Revista Brasileira de Direito**, v.12, n. 1, p. 127-140, 2016.

36 MENDES, R. Asbesto (amianto) e doença: revisão do conhecimento científico e fundamentação para uma urgente mudança da atual política brasileira sobre a questão.

37 ASSOCIAZIONE FAMILIARE VITTIME AMIANTO. **Storia dell'amianto e nascita dell'Eternit**. Disponível em: <<http://www.afeva.it/files/storiaeternit.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2016.

38 "La città bianca" é também o título de um documentário que trata sobre o caso. O *trailer* pode ser visualizado no *link*: <<https://www.youtube.com/watch?v=YIxbcWenEp4>>. Conta a lenda que durante a segunda guerra mundial os aviões aliados não conseguiram nunca destruir a grande ponte sobre o Rio Po, em Casale, "porque havia uma constante nuvem de pó claríssima que impedia a visão dos bombardeiros". ROSSI, G. **La lana dela salamandra: la vera storia della strage dell'amianto a Casale Monferrato**. Roma: Ediesse, 2010. p. 51.

39 BRAMBILLA, M; MOSSANO, S. **Morire d'amianto**. Il caso Eternit: la fabbrica, le vittime, la giustizia. Torino: La Stampa, 2012.

40 "Un posto sicuro" é o título de outro documentário que trata sobre o caso de Casale Monferrato.

41 ROSSI, G. **La lana dela salamandra**. p. 48.

Eternit é uma marca que parte do latim "*aeternitas*": cimento com amianto seria a combinação perfeita para a produção de um material leve, barato e eterno. Na época, o próprio Piemonte extraía amianto na mina de Balangero, a maior da Europa entre os anos de 1918 e 1991. Esta mina se eternizou nas palavras de Primo Levi, onde trabalhou como químico em 1941, retratando-a em seu conto autobiográfico "*Nichel*", na obra "*Il sistema periodico*":

C'era amianto dappertutto, come una neve cenerina: se si lasciava per qualche ora un libro su di un tavolo, e poi lo si toglieva, se ne trovava il profilo in negativo; i tetti erano coperti da uno spesso strato di polverino, che nei giorni di pioggia si imbeveva come una spugna, e ad un tratto franava violentemente a terra⁴².

A fábrica da Eternit em Casale produzia materiais em fibrocimento, como lastros, chaminés, telhas onduladas. O amianto vinha de várias minas, desde a própria piemontesa de Balangero, até outras de países, como o Brasil, o Canadá e a Rússia. O transporte do amianto de navio, trem e caminhão até a fábrica se caracterizava por lançar o pó durante todo o percurso, de modo que o chamado "*polverino*" era parte da paisagem familiar dos seus habitantes⁴³.

Chegando à fábrica, o amianto era descarregado por funcionários sem qualquer tipo de proteção, que mexiam com instrumentos como tridentes e pás usados no feno, conforme contam os ex-trabalhadores, e conforme foi eternizado nas imagens históricas do *Istituto Luce*, disponíveis na internet⁴⁴.

Somente em 1947 houve o reconhecimento oficial de um caso de asbestose ligada ao trabalho nessa fábrica⁴⁵. Todos tinham falta de ar e dificuldade para respirar, mas, em geral, os médicos atribuíam os sintomas ao tabaco⁴⁶. Somente nos anos setenta veio a público a relação entre as numerosas mortes de operários e não operários mortos na faixa dos cinquenta anos de câncer: o amianto era o grande

42 LEVI, P. *Il sistema periodico*. Torino: ET Scrittori, 1994. p. 63.

43 ROSSI, G. *La lana dela salamandra*. p. 52.

44 LUCE ARCHIVIO. **Amianto, come veniva lavorato a Casale Monferrato**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UQuejd5PXU0>>. Acesso em: 19 jan. 2016. Também os documentários *Polvere* e *La città bianca* mostram muitos desses relatos.

45 ROSSI, G. *La lana dela salamandra*. p. 56.

46 Essa é uma informação comum em todas as entrevistas tanto em Casale quanto em Barcelona e Cerdanyola. No Brasil, essa relação também é feita constantemente, sobretudo nos processos judiciais, em que as fábricas querem se eximir de pagar elevadas indenizações aos trabalhadores.

causador do raro mesotelioma, à época conhecido como "*il tumore di Casale*"⁴⁷. Antes disso, era sabido sobre a asbestose e sua relação com o amianto, mas tampouco de uma maneira clara. O sindicato, desde a década de cinquenta, já vinha exigindo, sem sucesso, máscaras e condições mínimas de segurança aos trabalhadores.

De 1964 a 1986, os dados oficiais – certamente sub-representados, dado que à época o diagnóstico era falho – indicam que 117 trabalhadores de ambos os sexos morreram de câncer de pulmão, 89 de asbestose e 43 de câncer de pleura⁴⁸.

Somente em 1984, ano em que foram reportadas 104 mortes relacionadas à fibra, houve a confirmação da contaminação do ambiente fabril em uma perícia realizada após muita luta sindical, promovida principalmente pela CGIL (*Confederazione Generale Italiana del Lavoro*) e pelo conselho de fábrica, encabeçada, respectivamente, por Bruno Pesce e por Nicola Pondrano. A partir daí, o amianto passou a ser conhecido na cidade como "*la polvere che uccide*": o pó que mata⁴⁹.

O risco às pessoas que não tinham contato com a fábrica ficou comprovado pela primeira vez no mesmo ano, por meio de um estudo pioneiro conduzido pelo médico Capra Marzani, do hospital de Casale. Desse estudo, emerge o resultado de que entre 1973 e 1982 foram 61 os casos de mesotelioma, dos quais apenas 39,34% tinham trabalhado diretamente com o amianto⁵⁰. Os estudos mais recentes têm comprovado a tendência de uma desproporcionalidade de casos de câncer de pulmão e de pleura na cidade⁵¹. De fato, a contaminação ambiental hoje é claramente sabida: as praias brancas ao longo do Rio Po, nas quais famílias iam banhar-se, eram bancos de amianto formados em razão do descarte realizado irregularmente pela empresa; a empresa vendia a baixos preços e em alguns casos até mesmo doava rejeitos da fábrica para particulares, que usavam para pavimentar praças infantis, jardins de escolas e de suas próprias casas⁵².

47 ROSSI, G. *La lana dela salamandra*. p. 56.

48 MAGNANI et al. Pleural malignant mesothelioma and non-occupational exposure to asbestos in Casale Monferato, Italy. *Occupational and Environmental Medicine*, n. 52. p. 362-367, 1995.

49 ROSSI, G. *La lana dela salamandra*. 2010.

50 ALTOPIEDI, R. *Un caso di criminalità d'impresa*. p. 58.

51 ALTOPIEDI, R. *Un caso di criminalità d'impresa*:

52 ROSSI, G. *La lana dela salamandra*.

Após essas descobertas e muita luta, em 1986 a própria Eternit, então com 350 trabalhadores, foi declarada falida. Porém, diante das intenções da Eternit francesa de assumir a fábrica, o prefeito de Casale Monferrato na época, Riccardo Coppo, lançou um veto ao emprego de cimento-amianto e quaisquer produtos de amianto nas construções no território da cidade. Apesar de encerradas as atividades produtivas com o amianto na cidade, muita luta ainda vinha pela frente, tanto para garantir o banimento na Itália, quanto para obter a responsabilização da empresa.

A partir dos estudos realizados em 1985 sobre o número desproporcional de mortos por câncer de pulmão e de pleura em Casale, enviados pelo pretor de Torino, Raffaele Guariniello ao Ministério Público, foi conduzida uma instrução a respeito da responsabilidade de dirigentes da empresa pelas mortes. Em 1990 iniciou o processo penal por cooperação em homicídio culposo múltiplo agravado e de lesões culposas múltiplas agravadas. Com as perícias técnicas e manifestações das partes, ao final seis dos quinze denunciados foram condenados, todos a penas baixas que, em sua maior parte, tiveram o crime prescrito até 1995, ano da decisão do segundo grau de jurisdição.

Da leitura da sentença emerge que seria dever dos imputados informar aos trabalhadores sobre os riscos específicos do amianto, levando-os ao conhecimento não somente da normativa relativa à asbestose mas sobretudo dos processos patológicos letais (mesoteliomas e tumores pulmonares), que, a partir de 1976, se estavam difundindo entre os trabalhadores da Eternit; aquela necessária informação, na contrapartida apresentada pela defesa é definida de maneira infeliz como "terrorismo informativo"⁵³.

Em 1988 e em 1989 foram criadas duas associações. Inicialmente, foi criada a *Associazione Familiari Lavoratori Eternit Deceduti*, AFLED, composta por familiares de trabalhadores da Eternit falecidos pelo contato com o amianto. Logo, foi criada a *Associazione di Esposti dell'Amianto* (AEA), composta por pessoas da comunidade. A primeira tinha como presidenta a senhora Romana Blasotti Pavesi, que teve cinco familiares mortos por mesotelioma, dentre eles, o marido e a filha⁵⁴. O objetivo era o de estabelecer uma luta organizada e coletiva

53 ALTOPIEDI, R. **Un caso di criminalità d'impresa**. p. 64. Tradução livre.

54 Para um perfil de Romana e um breve relato de sua história, cf. BRUM, E. Romana e o bilionário do amianto: a dor que não prescreve. Coluna. **El país**, 24 nov. 2014. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/24/opinion/1416832282_033103.html>. Acesso em: 25 nov. 2014.

contra o amianto, principalmente mobilizando-se para fazer pressão para obter o banimento do amianto na Itália. Juntos, comunidade, trabalhadores, familiares e ambientalistas, conduziram a luta que levou, em 1992, ao total banimento da fibra no país. Em 1998, para abarcar comunidade e trabalhadores, a AFLED se transformou em AFeVA (*Associazione Familiari Vittime Amianto*).

Não apenas ações judiciais individuais deveriam ser propostas, mas também ações políticas e judiciais coletivas. Assim foram desenvolvidos os três pilares da Associação: *Giustizia* – promoção de ações voltadas à responsabilização da empresa; *Bonifica* – prevenção de novos casos da doença por meio da extração do amianto dos edifícios públicos e privados; *Ricerca* – busca de tratamentos para os doentes que seguem sendo diagnosticados, já que as doenças do amianto são todas de longo prazo. Apesar de uma série de atrasos em relação a outros países europeus no que tange ao reconhecimento da toxicidade do amianto, a Itália foi um dos primeiros países europeus a proibir completamente a extração, a utilização e a comercialização do amianto em território nacional. Como nota, Bruno Pesce, uma das principais personagens dessa história, tratou-se do resultado de três anos de protestos diante o Parlamento, com os desempregados da Eternit sempre presentes, de manifestações e petições⁵⁵. Também, desde 1988 a associação, junto do sindicato, conseguiu recolher aproximadamente quinze mil assinaturas a favor do banimento completo do amianto da Itália.

Apesar da bela arquitetura medieval e renascentista que parecem fazer de Casale somente mais uma cidade histórica italiana, algo que se percebe logo ao chegar é que a cidade segue respirando o amianto, seja em função dos enfermos que diariamente são diagnosticados, seja em função da própria decisão da comunidade de manter viva a memória sobre as vítimas e os males causados pelo *polverino*.

Há também um medo novo, uma situação irreal, dominada pelo desânimo de gerações inteiras crescidas no cenário feito de pó, com ritmos marcados pelos turnos da fábrica e que agora se descobrem órfãos e viúvas da Eternit, por culpa da Eternit. A cidade, em suma, deve ainda fazer realmente as contas com uma tragédia que não descobriu completamente⁵⁶.

55 PESCE, B. Prefazione. In: IOCCA, G. **Casale Monferrato**: la polvere che uccide. Roma: Ediesse, 2011. p. 22. Tradução livre.

56 ROSSI, G. **La lana dela salamandra**. p. 86.

Uma das mais famosas causas empreendidas pela AFeVA foi a atuação como *parte civile* no processo penal contra o suíço Stephan Schmidheiny e o belga Luois De Cartier, que geriram o estabelecimento. 2899 trabalhadores e cidadãos mortos e enfermos por doenças causadas pelo contato com o amianto: este é o dano pelo qual tiveram que responder no processo penal conduzido na Itália. Desta vez não se tratava de homicídio, mas sim de crime de desastre ambiental doloso permanente e omissão dolosa de medidas de segurança para os operários. Condenado a 16 anos de prisão e ao pagamento de 100 milhões de euros em 2012, Schmidheiny teve a sentença confirmada e ampliada em grau de recurso. Porém, em novembro de 2014, na "*Corte di Cassazione*", a sua punibilidade foi julgada extinta pela prescrição. Um golpe tremendo para todas as vítimas, que sonhavam em ver a sua causa reconhecida. Recentemente foi recebida nova denúncia contra o empresário, agora por homicídio. O tribunal em Torino já julgou que não há *bis in idem*, e segue agora a instrução do novo processo, chamado de "*Eternit bis*" pela imprensa e membros da AFeVA.

Além da atuação nas três frentes (*giustizia*, *bonifica*, *ricerca*), a AFeVA atua internacionalmente, participando de congressos, reuniões, articulações com associações de vários países, para que o caso de Casale seja utilizado como exemplo de luta a ser seguido em outras partes do mundo. No Brasil, representantes da AFeVA já estiveram várias vezes, desde a criação da Associação Brasileira de Expostos ao Amianto (ABREA).

A pesquisa empreendida em meu pós-doutorado é justamente a contraposição entre a exportação dos danos do amianto do norte para o sul global, por um lado; e por outro lado, a internacionalização da luta pelo banimento do amianto da parte da sociedade civil. Em razão disso, tornou-se etapa fundamental conhecer a experiência de pessoas que lutaram no caso de Casale, que se tornou referência mundial em pelo menos três pontos: no número de afetados ambientais mortos por mesotelioma; no sucesso da luta pelo banimento; na pesquisa de curas para a doença. Assim iniciou minha jornada como pesquisadora em busca dos relatos dessas pessoas.

2 PESQUISA EMPÍRICA QUALITATIVA E OS SENTIDOS DA VITIMIZAÇÃO AMBIENTAL: DO MICRO AO MACRO

A necessidade de realizar uma pesquisa empírica com entrevistas em profundidade e observação participante na cidade de Casale Monferrato surgiu após a leitura atenta do caso, e da percepção de que não haveria como me manter apenas nas pesquisas bibliográfica e documental. Assim, reestruturei o projeto de pós-doutorado, enviei ao comitê de ética e obtive a aprovação sob o número CAAE 56457716.8.0000.5319.

O público entrevistado é o de pessoas acometidas por doenças causadas pela exposição ocupacional ou não ocupacional ao amianto, familiares de vítimas e pessoas expostas ao amianto. Os cenários são as cidades de Cerdanyola e Barcelona, na Espanha; e Casale Monferrato, na Itália. A escolha dos métodos de entrevista em profundidade e de observação participante foi o resultado de uma reflexão a respeito da já antiga contraposição “quantitativo *versus* qualitativo” que dominou e ainda domina parte das ciências sociais. Neste tópico abordarei, inicialmente, uma reflexão sobre o método escolhido, para, em seguida, apresentar alguns dos resultados da pesquisa.

2.1. A ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE: MÉTODO DE COLETA DE DADOS

Apesar de os métodos quantitativos serem bastante difundidos na sociologia, desde as décadas de 1960 e 1970 a pesquisa qualitativa vem tomando força nesse âmbito. Inicialmente, houve uma forte ruptura entre os entusiastas de cada uma das tradições⁵⁷. Hoje, porém, está cada vez mais comum o desenvolvimento de pesquisas que combinam os dois tipos de investigação sobre o mesmo universo social, instrumentalizando-se todos os meios necessários à compreensão da realidade social⁵⁸.

Apesar de suas limitações, o recurso às entrevistas “[...] continua sendo um dos melhores meios para apreender o sentido que os atores dão às suas condutas (os comportamentos não falam por si mesmos), a maneira como eles se representam no mundo e como eles vivem sua situação, com os atores sendo

57 STRAUSS, A; CORBIN, J. **Bases de la investigación cualitativa**. Técnicas y procedimientos para desarrollar la teoría fundamentada. Medellín: Universidad de Antioquia, 2002. p. 34.

58 BECKER, H. S. A epistemologia da pesquisa qualitativa. **Revista de Estudos Empíricos em Direito**, vol. 1, n. 2, p. 184-198, jul 2014.

vistos como aqueles em melhor posição para falar disso”⁵⁹. A entrevista possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social, proporcionando profundidade acerca do comportamento humano por meio de uma ampla obtenção de respostas e expressões⁶⁰. A entrevista de tipo qualitativo permite a análise das realidades sociais segundo a perspectiva dos atores sociais - maneira pela qual os próprios atores sociais definem a sua situação. Ela pode ser estruturada, semiestruturada ou não estruturada, não dirigida ou de profundidade. A entrevista não dirigida é “[...] forma de entrevista na qual o entrevistador, depois de ter dado uma instrução inicial, visando nortear o entrevistado sobre o tema da pesquisa, confere-lhe o máximo de liberdade no que diz respeito à maneira de tratar o assunto, e tenta orientar seus relances sobre as dimensões abordadas pelo interlocutor”⁶¹. Nesse tipo de entrevista, as perguntas não são obrigatórias, somente sendo realizadas quando necessário à obtenção de mais profundidade às reflexões geradas pelo próprio entrevistado⁶².

Buscar compreender as representações sociais do/da entrevistado/a necessariamente conduz ao seu protagonismo, já que muitas vezes falas que aparentemente não têm relação com a temática específica da vitimização ambiental compõem o cenário imprescindível à compreensão dessas percepções sobre o tema. Assim são as abordagens sobre a infância, sobre o amor, sobre as relações sociais e interações entre o indivíduo e a cidade, entre os próprios indivíduos e sua relação com o mundo. Por isso, o instrumento principal foi a fala, gravada por meio de gravador de voz com a anuência do entrevistado. Não tive qualquer dificuldade em relação à obtenção dessa anuência, não estando presente qualquer tipo de desconforto.

A princípio, o local da entrevista deveria ser a própria casa dos/das entrevistados/as, de maneira a garantir o maior conforto possível, em condições que mais se aproximam daquelas das suas vidas cotidianas. Trata-se de buscar atenuar o

59 POUPART, J. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, J.; DESLAURIERS, J-P; GROULX, L-H; LAPERRIÈRE, A.; MAYER, R; PIRES, Á. (orgs.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 215-253. p. 217.

60 GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

61 POUPART, J. A entrevista de tipo qualitativo. p. 224.

62 MINAYO, M. C. de S (org.); DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2009.p. 64.

máximo possível os artifícios da situação de pesquisa⁶³. Contudo, isso nem sempre foi possível: em alguns casos, houve a proposta da sua parte de um local alternativo, como a sede da associação, ou mesmo locais que para eles/elas eram significativos. Essas escolhas dos locais dialogadas e protagonizadas pelos/as entrevistados/as também foram fundamentais no momento da observação participante.

Minayo et al. observam que o trabalho interacional, proveniente da relação direta entre pesquisadora e participantes, é um instrumento privilegiado justamente pela “[...] possibilidade que tem a fala de ser reveladora de condições de vida, da expressão dos sistemas de valores e crenças e, ao mesmo tempo, ter a magia de transmitir, por meio de um porta-voz, o que pensa o grupo dentro das mesmas condições históricas, socioeconômicas e culturais que o interlocutor”⁶⁴.

Considerando a opção pela entrevista não estruturada, o protagonismo durante a entrevista deve ser do entrevistado e não do entrevistador. Por isso, há a necessidade de não adotar uma postura autoritária, superando-se a própria hierarquia típica dos métodos tradicionais de pesquisa, a qual situa o pesquisador em posição superior aos participantes, consolidando uma relação sujeito-objeto⁶⁵. Isso não significa a impossibilidade de fazer questionamentos e de, em alguns momentos, redirecionar os argumentos. Mas tampouco essas conduções podem ser realizadas rompendo com a maneira como o entrevistado sente e desenvolve a sua história. Como nota Poupert, na entrevista em profundidade, “o papel do entrevistador consiste simplesmente em facilitar, por suas atitudes e intervenções, a livre expressão dos pontos de vista”⁶⁶. A entrevista não estruturada, que se caracteriza pela flexibilidade do método, garante ao entrevistado a liberdade para abordar os assuntos que ele julga pertinentes. Isso “[...] favorece a emergência de dimensões novas não imaginadas, de início, pelo pesquisador”⁶⁷. A abertura à fala do entrevistado é o que permite contradizer pré-conceitos e predefinições que a pesquisadora traz consigo no momento da realização da investigação. As falas dos entrevistados e das entrevistadas são tomadas como seu modo de ver, sentir e interpretar a

63 POUPART, J. A entrevista de tipo qualitativo. p. 239.

64 MINAYO, M. C. de S. (org.); DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social**. p. 63-64.

65 HARDING, S. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista.

66 POUPART, J. A entrevista de tipo qualitativo. p. 224.

67 POUPART, J. A entrevista de tipo qualitativo. p. 225.

realidade das doenças causadas pelo amianto em sua experiência pessoal. Assim, não se trata de conferir o caráter de verdade objetiva ao seu discurso, mas, sobretudo, de dar-lhes voz para que representem a realidade construída por sua interação com o mundo. De fato, apesar de as entrevistas serem uma porta de acesso privilegiada às realidades sociais, por meio da relação de umas pessoas com outras, essas realidades não se deixam apreender com facilidade, sobretudo porque dependem da linguagem: elas são “[...] transmitidas através do [...] jogo complexo das múltiplas interpretações produzidas pelos discursos”⁶⁸.

Ao contrário do que os estudiosos de matriz positivista podem pensar, na pesquisa qualitativa é fundamental o envolvimento do entrevistado com o entrevistador: “em lugar dessa atitude se constituir numa falha ou num risco comprometedor da objetividade, ela é condição de aprofundamento da investigação e da própria objetividade”⁶⁹.

Além do objetivo maior de obter profundidade, o recurso à entrevista não estruturada tem como vantagem a possibilidade não apenas de representar a maneira como as pessoas vivenciam as questões tratadas em seu cotidiano, mas também garantir que tenham acesso ao discurso, produzam narrativas. Em se tratando de um discurso de pessoas singulares atingidas de maneira drástica pela ação do capital, dar-lhes voz significa compensar sua ausência ou sua falta de poder na sociedade. Essa afirmação poderia trazer algum tipo de questionamento quanto ao enviesamento da pesquisa. Contudo, desde já se sabe que a temática proposta versa diretamente sobre o poder, dado que se trata de uma investigação sobre a vitimização massiva no caso de danos sociais ocasionados por condutas corporativas e estatais, ou seja, desde uma posição de imunização para seus atores e de acesso privilegiado ao discurso por meio dos meios de comunicação, e de ocupação dos espaços de poder. A presente pesquisa possui lado, ela é um estudo das percepções das vítimas do amianto e, portanto, apresentará a realidade tal como vista por elas. Rompendo com o positivismo, a perspectiva epistemológica construcionista de que se parte não busca encontrar um discurso verdadeiro, e entende que os discursos são

68 POUPART, J. A entrevista de tipo qualitativo. p. 215.

69 MINAYO, M. C. de S. (org.); DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social**. p. 67-68

indissociáveis de seu contexto de produção e enunciação⁷⁰. Becker, ao debater a questão da neutralidade do pesquisador nas ciências sociais, no artigo *"Whose side we are on?"*, afirma que é uma falsa questão a de pensar se devemos ou não ser tecnicamente neutros, já que isso teria como pressuposto a possibilidade disso. Propõe, então, a reformulação do questionamento: se não é possível fazer pesquisa descontaminada de simpatias pessoais e políticas, então a questão não é a de se deveríamos ou não ter uma posição, já que inevitavelmente isso irá acontecer; mas sim de que lado nós estamos.

Para ele, isso não implica que os resultados da pesquisa venham a ser distorcidos ou enviesados. De fato, as técnicas de pesquisa são apontadas como medidas de precaução desenhadas para salvaguardar o cientista desse tipo de erro. Ou seja, ao se tomar as técnicas e as teorias de maneira imparcial, a coleta e a análise dos dados terão também a capacidade de ser fiéis à pesquisa: "qualquer que seja o lado em que estamos, necessitamos usar técnicas imparciais o suficiente para que uma crença em relação à qual somos especialmente simpáticos possa ser considerada não verdadeira"⁷¹. Como assevera o autor, é possível satisfazer as demandas científicas sempre deixando claros os limites do que estamos estudando, marcando as fronteiras para além das quais os resultados não podem ser aplicados de maneira segura. Algo simples e de fácil utilização é mostrar que a pesquisa com entrevista e observação traz uma representação e uma análise da realidade por meio dos olhos daqueles sujeitos específicos da pesquisa, e não de outros⁷².

2.2. RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA DE VITIMIZAÇÃO: CASALE PELOS OLHOS DE LUIGIA⁷³

Desembarquei na cidade de Casale Monferrato pela primeira vez no dia oito de julho de 2016. Como uma etapa do estágio pós-doutoral, que tinha como tema a migração dos danos causados pelo amianto do norte ao sul global, optei por

70 POUPART, J. A entrevista de tipo qualitativo. p. 235.

71 BECKER, H. S. *Whose Side Are We On?* p. 237. Tradução livre.

72 BECKER, H. S. *Whose Side Are We On?* p. 247. Tradução livre. O autor finaliza o texto com a seguinte indicação: "We take sides as our personal and political commitments dictate, use our theoretical and technical resources to avoid the distortions that might introduce into our work, limit our conclusions carefully, recognize the hierarchy of credibility for what is is, and field as best we can the accusations and doubts that will surely be our fate".

73 Os nomes utilizados são todos fictícios em razão do termo de confidencialidade assinado pela pesquisadora e entregue a cada um/a dos/as participantes do estudo.

realizar entrevistas com pessoas que fossem elas próprias vítimas da exposição ocupacional ou ambiental com as fibras do amianto, ou com familiares de vítimas. O contato foi realizado inicialmente por meio da Associação de Vítimas e Familiares do Amianto da Catalunya, a AVAAC, e pelo Colectivo Ronda, um grupo de advogados que atuam nessa área principalmente com ações individuais na Catalunya. Após contatar diretamente os dirigentes atuais e alguns ex-dirigentes da AFeVA, decidi realizar essa viagem. Foram onze entrevistas e uma semana de participação nas atividades da associação e da cidade. Dos entrevistados, dois eram afetados pelo mesotelioma, duas senhoras viúvas em razão de mesotelioma, uma que havia perdido o irmão, dois sindicalistas e atuantes na associação, dois ex-operários afetados por asbestose e um participante da associação.

Este artigo não pretende explorar os resultados gerais da pesquisa, mas sim mostrar, por meio da exemplificação de uma delas, a passagem do micro para o macronível de análise por meio da entrevista em profundidade realizada. Opto por apresentar essa ponte por meio de quatro principais tópicos, expostos a seguir.

“ERAVAMO TUTTI CONVINTI CHE POTESSE GUARIRE”⁷⁴: VITIMIZAÇÃO E INCONFORMIDADE

A casa de Luigia, desde o princípio, me chamou a atenção. Passando em frente ao prédio, percebi a bandeira italiana com os escritos “GIUSTIZIA ETERNIT”, utilizada pelos militantes da AFeVA durante os protestos e as batalhas judiciais. Ao lado, cata-ventos, flores, muitas plantas, um ambiente colorido. Luigia perdeu um irmão para o mesotelioma, morto com apenas 33 anos. Fotos dele aparecem pela sala rodeadas por muitos enfeites. A foto que ela traz para me mostrar é dele correndo, exercitando-se meses antes de falecer. Predomina na fala a ideia de que o irmão deveria morrer aos cem anos, caso não tivesse nascido em Casale, pelo fato de que era muito preocupado com a saúde, se alimentava bem e não fumava. A indignação diante do inacreditável: a precocidade da perda do irmão levou a família a uma atuação política pela mudança da realidade não somente da cidade, mas do país.

Foram quarenta dias de luto até que Luigia começasse a se mobilizar junto à CGIL para promover a coleta de assinaturas pelo banimento do amianto na

74 “Estávamos todos convictos de que ele pudesse se curar”.

Itália. Ela conta que as pessoas simplesmente não entendiam do que se tratava. Na verdade, ela própria nunca havia ouvido falar em mesotelioma até que seu irmão fosse diagnosticado. Isso somente ocorreu quando, em função de dores no peito e uma febre que não passava, ele foi encaminhado a um especialista em Pavia. Os exames, somados à informação de que o rapaz era proveniente de Casale, levaram ao imediato diagnóstico: o raro tumor da pleura causado pela inalação das fibras do amianto.

Porém, mesmo após o diagnóstico do mesotelioma, a família não havia compreendido a sua gravidade. As pessoas que viviam longe da fábrica e que não possuíam qualquer contato com os operários sabiam no máximo que os trabalhadores costumavam morrer cedo em razão de uma doença respiratória. Porém, jamais havia chegado a informação sobre essa doença mortal de nome estranho. No caso de seu irmão, ele nunca trabalhou na fábrica, era bancário, viveu sempre longe dela e adoentou-se dois anos após a falência do estabelecimento. Nos sete meses desde o diagnóstico até a sua morte, mesmo de licença do trabalho, viveu normalmente, o que alimentava a fé na cura. “Para nós não era nada. [...] Ele jamais ficou de cama. Continuou sua vida em casa, fazia a contabilidade do time de basquete. Estávamos todos convictos de que ele poderia ser curado”⁷⁵. Na época, o mesotelioma dificilmente era diagnosticado, e a causa da morte nas certidões de óbito mascaravam o problema. Ao contrário do que costumava ocorrer, a família fez questão de que na certidão do jovem aparecesse o diagnóstico do mesotelioma plêurico.

“AVEVO L'IMPRESSIONE DI CADERE NEL VUOTO”⁷⁶: INVISIBILIDADE E DESINFORMAÇÃO

O primeiro ativismo de Luigia e de sua família foi realizado já no manifesto fúnebre: “[...] declaramos publicamente que o amianto foi a causa da sua morte, daquele rapaz que tinha 33 anos. E a outra coisa que colocamos foi: ‘queremos um mundo melhor para o teu filho’, porque não podíamos aceitar que acontecesse uma coisa assim”⁷⁷.

75 Tradução livre.

76 “Tinha a impressão de cair no vazio”. Tradução livre.

77 Tradução livre.

A dor maior para ela é a de saber que o que ocorreu foi algo causado, que não foi um acidente, mas o resultado de uma atividade econômica cujas consequências maléficas à saúde dos trabalhadores e da comunidade circundante às fábricas eram consabidas por meio de pelo menos trinta anos de documentação científica.

De fato, algo que fica claro no relato de Luigia é a maneira como as doenças ocupacionais da atividade fabril eram objeto de murmúrios na cidade, mas vistas quase como uma fatalidade. Apesar das lutas sindicais já existentes desde o final da década de 1970, foi somente em 1986 que se conseguiu a primeira avaliação do ar que comprovou as péssimas condições. Quando as famílias de vítimas se uniram aos sindicatos na luta pelo banimento do amianto no país foi que a comunidade passou a ter consciência do que ocorria realmente dentro da fábrica. Luigia fala sobre o assombro que teve quando ouviu os relatos de ex-operários contando, por exemplo, que de um lado da sala não era possível enxergar o outro lado, em razão da nuvem de pó de amianto. Mesmo intuindo o caráter insalubre do local de trabalho, principalmente porque viam os colegas se adoentando e morrendo, os operários tinham a fábrica em grande consideração, por serem reconhecidos, receberem bem, ganharem presentes para a família, terem frequentes confraternizações.

Eles, recebendo essas coisas, diziam que em um certo sentido se sacrificavam pelo trabalho. Mas, repito: eles talvez tinham a consciência do fato de poderem ter esse pó que lhes impediria um pouco a respiração, mas não de os levar à morte. Isto é, poderia ser um incômodo que viria retribuído dessa maneira, com tantos presentes. Mas não a morte. A morte não era contemplada em tudo isso⁷⁸.

Quando a morte passou a rondar com mais frequência a cidade, algo que era tido como uma luta de categoria passou a ser visto como uma luta a ser abraçada por todos e todas, afinal, qualquer pessoa estava exposta ao risco de desenvolver a doença. Não foi fácil, porém, mobilizar os cidadãos. Luigia conta que a coleta de assinaturas ocorria em todos os lugares da cidade em que havia alguma movimentação de pessoas. Isso foi no ano de 1989, e foi o primeiro passo para que três anos depois, em 1992, a Itália fosse um dos primeiros países europeus a banirem o amianto. As dificuldades eram de vários tipos. Luigia recorda que doía muito não encontrar a recepção que esperavam.

78 Tradução livre.

Depois, em um momento, havia uma grande vontade de falar sobre o tema e ninguém nos escutava, e isso foi muito ruim porque fomos para a rua para a coleta de assinaturas e havia passado apenas quarenta dias da morte do meu irmão, podes imaginar como nos sentíamos? E as pessoas diziam: “mas por que fazem isso?”, “por que, se ele já não está vivo e a fábrica está fechada?”. Isto é, parecia mesmo que era uma coisa que não interessava a ninguém. E então nós dizíamos: “mas olha que é importante, porque faz mal, porque...”. Mas era difícilíssimo fazer com que as pessoas recebessem naquele momento⁷⁹.

Muitas pessoas que tratavam a causa com indiferença ou mesmo com estranhamento em um primeiro momento, ao terem um diagnóstico na família ou elas próprias se adoentarem, vinham ao encontro da associação em busca de informações e acabavam se engajando. A impressão de Luigia era a de que tudo o que falavam “caía no vazio”: “não entendo como uma coisa desse tipo não consiga entrar, fazer as pessoas entenderem”⁸⁰.

3. “È UNA STRAGE SILENZIOSA CHE CONTINUA”⁸¹: A NECESSIDADE DA LUTA, AINDA

Das primeiras movimentações na cidade em torno do banimento do amianto até os dias atuais se passaram já 29 anos. Contudo, nem os estragos causados pela fábrica foram reconhecidos e reparados, nem terminaram os diagnósticos de mesotelioma, câncer de pulmão e asbestose. Pelo contrário, o cálculo que os médicos do hospital da cidade – uma referência no tratamento do mesotelioma no país – fazem é o de que o número de mortos deverá atingir o seu pico apenas em 2020.

Apesar de politicamente a primeira grande vitória ter ocorrido em 1992, com o banimento total do amianto na Itália, o fato é que os processos preventivos e reparativos ficaram em segundo plano nas décadas seguintes. O que garantiu uma enorme visibilidade recentemente foi o processo penal movido contra o bilionário suíço Stefan Schmidheiny, de 2009 a 2014, relatado anteriormente. Luigia conta que se a invisibilidade das mortes pelo amianto foi historicamente a regra, isso se modificou durante as diferentes fases do processo.

79 Tradução livre.

80 Original em italiano: “Non capisco una cosa come questa non si riesca a fare entrare, a far capire”. Tradução livre.

81 “É um massacre silencioso que continua”. Tradução livre.

Ali realmente não havia nem como contar os jornalistas que vinham e queriam saber, porque era notícia, porque se não, um que morre, não vira notícia. Aqui morre uma pessoa por vez [...]. Mas um por um são muitos, se os contamos, são verdadeiramente muitos. E depois é muito triste quando escutas que as pessoas ainda se enfermam, e dizes: “é um massacre que continua, muito silencioso, continua desse modo silencioso, entende que não é uma coisa que venha dita na televisão quando morre um, mas olha quantos são...”⁸².

Mesmo após tanta denúncia e tanta produção de material informativo, mobilizações nas escolas e tudo o mais, ainda assim por vezes é difícil convencer as pessoas da importância de se fazer algo em torno do amianto que está nos tetos das casas, nos tubos de fibrocimento e em outros locais.

As pessoas não querem falar sobre o tema. Para Luigia, “é como se falar fosse voltar para trás, é um pouco assim, um verdadeiro medo da realidade, não queriam enfrentar a realidade. Não é escondendo as coisas que se pode de qualquer maneira terminar com elas. Ao contrário”⁸³. Isso requer, então, da associação e dos sindicatos, um contínuo trabalho para manter a memória viva, fazer com que as pessoas se comprometam a, por exemplo, tirar os tetos de amianto das próprias casas. Porém, por vários motivos isso também é um dado de difícil comunicação, mesmo em Casale.

Porque esse material leve, incombustível, com tantas propriedades boas, mas depois, na realidade, era uma bomba mortal. Tem também o fato de que os danos somente aparecem após muitos anos, não te dão a exata consciência, porque se você se aproxima de um teto de amianto, nada acontece no momento. Então, tanta gente diz que esse teto faz mal, que deve tirá-lo, contamos toda a história, e te dizem: “mas ele sempre esteve ali”. Isto é, não tem o fato de compreender que aquela coisa te mata, porque não te faz morrer imediatamente⁸⁴.

Ainda assim, ela reconhece a importância do trabalho do sindicato e da AFeVA, que ainda está em curso. “Poderíamos ter simplesmente desistido. Teria sido muito mais fácil desistir. Mas seguimos”. Mesmo com todas as dificuldades, ela concorda que muitas das pessoas que não queriam assinar o manifesto para banir o amianto em 1989 hoje o assinariam, tanto porque há

82 Tradução livre.

83 Tradução livre.

84 Tradução livre.

mais informação, quanto porque muitos deles certamente foram acometidos das doenças causadas pela fibra.

Não podemos pensar que não fazemos parte do mundo, todos fazemos parte do mundo. Uma coisa que acontece comigo hoje pode acontecer contigo amanhã, portanto, não deves pensar simplesmente no teu quintal. É necessário dar-se conta como são as coisas, como é o mundo, é necessário ter uma visão mais global. [...] Se ninguém se importa, não acontece nada. Ao contrário, acontecem os desastres, acontecem os desastres se todos se viram para o outro lado e fingem não ver e não saber⁸⁵.

A visão de que Luigia fala é global literalmente: os integrantes da AFeVA têm viajado o mundo para, a partir do relato de suas experiências, instruir com documentos, argumentos e estratégias outros países do mundo nas suas lutas contra os magnatas do amianto e os Estados condescendentes. De fato, eles já estiveram no Brasil várias vezes, assim como estiveram no Japão, na China, nos Estados Unidos, entre outros países que ainda não baniram a fibra.

“L’IMPORTANTE È FARSI SENTIRE”⁸⁶: A BUSCA POR JUSTIÇA

A bandeira da AFeVA, como descrito anteriormente, traz os dizeres “GIUSTIZIA ETERNIT”. Ao ser questionada sobre a maneira como essa frase é percebida por ela, na sua experiência, na sua subjetividade, ela responde:

Não podemos trazer de volta ninguém. Mas a Justiça seria que [...] ao menos este culpado reconhecesse a sua culpa [...], podendo mesmo dizer “eu não sabia”, isto é, eu aceito mesmo que ele diga “não sabia”, mas agora que sabe [...], dado que tem o dinheiro, que trate de reparar os danos. Isto é, a justiça seria aquela, deve conseguir pelo menos eliminar tudo o que tem [de amianto], que vá adiante a pesquisa.⁸⁷

Apesar de o processo contra Schmidheiny ser penal e ter como consequência uma condenação à prisão, nota-se que a maior ansiedade é por reconhecimento, por verdade e por reparação. O fato é que não se trata sequer de um dano passado, mas de algo que segue não somente com os novos diagnósticos de casaleses, mas no mundo ainda há extração, fabricação e comercialização com amianto.

85 Tradução livre.

86 “O importante é se fazer ouvir”. Tradução livre.

87 Tradução livre.

Sendo assim, uma condenação de alguém como Schmidheiny significaria para a causa, na percepção de Luigia, a justiça em seu sentido mais amplo:

Temos sempre a *"recuperação, pesquisa e justiça"*, são os três pilares sobre os quais pontuamos. A justiça é ver reconhecida verdadeiramente a culpa de quem provocou o mal, ter o dinheiro para poder reparar o dano, e a pesquisa para que haja sempre a possibilidade também de prosseguir, é isso que podemos esperar agora. Porque sobre o dano passado, "boh", já passou, já se foi⁸⁸.

Essa é uma característica forte na percepção de várias das pessoas entrevistadas em Casale. Apesar do enorme conhecimento que compartilham sobre o processo penal movido contra Schmidheiny, é bastante evidente um duplo caráter reparatório e simbólico. O reconhecimento de que alguém como um bilionário suíço ganhador de prêmios por suas ações ambientalmente corretas causou a morte de mais de 3000 pessoas em Casale e, além daquelas, no resto do mundo, serviria como uma forma de publicizar esse risco. Assim, a finalidade seria também a de permitir o acesso à informação que segue blindada em países como o Brasil, a Índia, o Paquistão, grandes consumidores da fibra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de cada vez mais frequente no campo do direito, a pesquisa empírica ainda é uma raridade nos projetos de pesquisa de graduação e pós-graduação. Quando ela aparece, é mais comum aquela documental do que a com participantes e observação. Em minha experiência, sempre havia trabalhado com análise do discurso de jornais e de discursos legislativos, porém jamais havia ido a campo buscar essa interação. A experiência de enfrentar o campo, com todas as dificuldades existentes, desde aquelas ligadas à língua até a aproximação com as pessoas, é interessantíssima pelos ganhos trazidos. Os laços construídos entre pesquisadora e participantes são perenes e certamente permanecerão fortes, sobretudo se sabendo que este é um trabalho ainda em aberto.

A riqueza desse tipo de pesquisa está principalmente na possibilidade que tive de visualizar a maneira como, diante de uma história oficial, muitas

88 Tradução livre.

vezes contada, é possível encontrar uma subjetividade que inova o argumento e permite uma aproximação da vida vivida que somente o contato humano permite. O diálogo horizontal, participativo, envolvido, é uma ferramenta para as mais belas descobertas do campo.

As vítimas de danos sociais corporativos são sistematicamente silenciadas e invisibilizadas. Não apenas pela blindagem dos meios de comunicação hegemônicos, ou mesmo pela atuação dessas empresas, mas também pela pesquisa científica. Ao estudar o caráter danoso das atividades estatal-corporativas, muitos criminólogos deixam de conhecer a construção promovida pelas pessoas que passam por todos esses processos. Fechar-se no ambiente burocrático dos estudos do Legislativo, do Judiciário, ou mesmo das empresas, implica não saber o que se passa do ponto de vista daquelas mulheres e daqueles homens que vivenciaram em primeira mão o sofrimento da perda de pessoas amadas abruptamente tiradas do convívio em razão de uma atividade econômica que pôs em risco a cidade toda.

Neste trabalho, busquei situar a pesquisa realizada a respeito dos danos sociais provocados pela indústria do amianto a partir do contexto da cidade italiana de Casale Monferrato, uma das primeiras a se rebelarem coletivamente e garantirem com muita luta o banimento dessa fibra – *la polvere che uccide* – de todo o território do país. Encontrei numerosas semelhanças com o caso brasileiro, as quais serão tratadas em publicações posteriores, mas encontrei também diferenças que mostram dificuldades enormes de que neste país cheguemos tão cedo também ao banimento.

Trata-se de um trabalho ainda em curso, de maneira que neste momento a única conclusão possível é a de que o percurso está sendo cheio de descobertas de vivências, de coragem, de luta que jamais seria possível caso o caminho originalmente escolhido tivesse sido o único trilhado: nenhum documento poderia dizer a mim o que as vozes e os olhos de Luigia, Guido, Enrico, Maria, Matteo, Vincenzo, Francesco, Filippo, Ettore, Elena e Giacomo me disseram.

REFERÊNCIA DAS FONTES CITADAS

ALVESALO, A.; TOMBS, S. Working for criminalization of economic offending: contradictions for critical criminology? **Critical criminology**, n. 11, p. 21-40, 2002. DOI: 10.1023/A:1021126217510.

ALTOPIEDI, R. **Un caso di criminalità d'impresa: l'Eternit di Casale Monferrato**. Torino: L'Harmattan Italia, 2011.

ASSOCIAZIONE FAMILIARE VITTIME AMIANTO. **Storia dell'amianto e nascita dell'Eternit**. Disponível em: <<http://www.afeva.it/files/storiaeternit.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2016.

BARAK, G. On the visibility and neutralization of the crimes of the powerful and their victims. In: _____ (ed.). **The Routledge International Handbook of the Crimes of the Powerful**. New York: Routledge, 2015.

BARAK, G. The Crimes of the Powerful and the Globalization of Crime. **Revista Brasileira de Direito**, 11(2): 104-114, jul.-dez. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.18256/2238-0604/revistadedireito.v11n2p104-114>.

BARATTA, Alessandro. **Criminologia crítica e crítica do direito penal**. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

BECKER, H. S. Whose Side Are We On? **Social Problems**, Vol. 14, No. 3, pp. 239-247, 1967. DOI: 10.2307/799147.

BECKER, H. S. A epistemologia da pesquisa qualitativa. **Revista de Estudos Empíricos em Direito**, vol. 1, n. 2, p. 184-198, jul 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.19092/reed.v1i2.18>.

BEIRNE, P; SOUTH, N. **Issues in Green Criminology: confronting harms against environments, humanity and other animals**. New York: Routledge, 2013.

BERNAL, C. E. ; CABEZAS, S. ; FORERO, A.; RIVERA, I.; VIDAL, I. Un debate epistemológico sobre el daño social, los crímenes internacionales y los delitos de los mercados. In: RIVERA, I. (Coord.). **Delitos de los Estados, de los Mercados y daño social**. Barcelona: Anthropos, 2014.

BOCKING, S. **Nature's Experts: Science, Politics, and the Environment**. New Brunswick/New Jersey/London: Rutgers University Press, 2004.

BRAMBILLA, M; MOSSANO, S. **Morire d'amianto**. Il caso Eternit: la fabbrica, le vittime, la giustizia. Torino: La Stampa, 2012.

BRUM, E. Romana e o bilionário do amianto: a dor que não prescreve. Coluna. **El país**, 24 nov. 2014. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/24/opinion/1416832282_033103.html>. Acesso em: 25 nov. 2014.

BUDÓ, M de N. Danos silenciados: a banalidade do mal no discurso científico sobre o Amianto. **Revista Brasileira de Direito**, v.12, n. 1, p. 127-140, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.18256/2238-0604/revistadedireito.v12n1p127-140>.

BUDÓ, M de N. O caso do amianto no Brasil sob a ótica da criminologia: invisibilidade e dano social. In: TRINDADE, André Karam; ESPINDOLA, Angela Araujo da Silveira; BOFF, Salette Oro. **Direito, Democracia e Sustentabilidade**. Passo Fundo: IMED, 2015. p. 253-286.

CULLEN, M. R. The Amphibole Hypothesis of Asbestos-Related Cancer: Gone but Not Forgotten. **American Journal of Public Health**, Editorials, Annotations, and Topics, vol. 86, No.2., p. 158-159, February 1996. DOI: 10.2105/AJPH.86.2.158.

DAVIES, P.; FRANCIS, P.; WYATT, T. (orgs.). **Invisible Crimes and Social Harms**. London: Palgrave, 2014.

FRIEDRICH, D. O. Crimes of the powerful and the definition of crime. In: BARAK, G. (ed.). **The Routledge International Handbook of the Crimes of the Powerful**. New York: Routledge, 2015. p. 39-49.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HARDING, S. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v.1, n. 1, p.7-31, 1993.

HILLYARD, P.; TOMBS, S. Beyond criminology? In: HILLYARD, P. et al. **Beyond Criminology: Taking Harm Seriously**. London: Pluto Press, 2004.

KARAM, M. L. A esquerda punitiva. **Discursos sediciosos: crime, direito e sociedade**, ano 1, n. 1, 1996. p. 79-92.

KARAM, Maria Lúcia. Utopia transformadora e abolição do sistema penal. In: PASSETTI, Edson; SILVA, Roberto B. Dias da. **Conversações abolicionistas: uma crítica do sistema penal e da sociedade punitiva**. São Paulo: IBCCRIM, 1997. p. 67-84.

LEVI, P. **Il sistema periodico**. Torino: ET Scrittori, 1994.

LILIENFELD, D. E. The Silence: The Asbestos Industry and Early Occupational Cancer Research-A Case Study. **American Journal of Public Health**, June 1991, Vol. 81, No. 6, P. 791-800. Available in: <<http://ajph.aphapublications.org/doi/pdf/10.2105/AJPH.81.6.791>>. Access on 01 sep. 2015.

LUCE ARCHIVIO. **Amianto, come veniva lavorato a Casale Monferrato**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UQuejd5PXU0>>. Acesso em: 19 jan. 2016.

MAGNANI et al. Pleural malignant mesothelioma and non-occupational exposure to asbestos in Casale Monferato, Italy. **Occupational and Environmental Medicine**, n. 52. p. 362-367, 1995.

McCULLOCH, J; TWEEDALE, G. **Defending the indefensible: The Global Asbestos Industry and its Fight for Survival**. Oxford: Oxford, 2008.

MENDES, R. Asbesto (amianto) e doença: revisão do conhecimento científico e fundamentação para uma urgente mudança da atual política brasileira sobre a questão. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 17(1):7-29, jan-fev, 2001.

MINAYO, M. C. de S (org.); DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MUNCIE, J. Decriminalising Criminology. **The British Criminology Conference: Selected Proceedings**. v. 3. Papers from the British Society of Criminology Conference, Liverpool, July 1999. Editors: George Mair and Roger Tarling.

NATALI, L. Criminology, victimización medioambiental y social harm - El caso de Huelva (España). **Revista Crítica Penal y Poder**. OSPDH, n. 7, pp. 5-34, set. 2014.

NATALI, L. **Green criminology**: Prostettive emergenti sui crimini ambientali. Torino: G. Giapichelli, 2015.

PESCE, B. Prefazione. In: IOCCA, G. **Casale Monferrato**: la polvere che uccide. Roma: Ediesse, 2011.

POUPART, J. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, J.; DESLAURIERS, J-P; GROULX, L-H.; LAPERRIÈRE, A.; MAYER, R; PIRES, Á. (orgs.). **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 215-253.

ROSSI, G. **La lana dela salamandra**: la vera storia della strage dell'amianto a Casale Monferrato. Roma: Ediesse, 2010.

RUFF, K. **Exporting Harm**: How Canada Markets Asbestos to the Developing World. Ottawa: Rideau Institute, 2008.

SCHWENDINGER, H.; SCHWENDINGER, J. Defensores da ordem ou guardiães dos direitos humanos? In: TAYLOR, I; WALTON, P; YOUNG, J. **Criminologia crítica**. Rio de Janeiro: Graal, 1980. p.113-134.

SILVA, M. B. de O. Crise ecológica e crise(s) do capitalismo: o suporte da teoria marxista para a explicação da crise ambiental. **Direito e realidade**, v. 1, n. 2, 2011.

STRAUSS, A; CORBIN, J. **Bases de la investigación cualitativa**. Técnicas y procedimientos para desarrollar la teoría fundamentada. Medellín: Universidad de Antioquia, 2002.

SUTHERLAND, Edwin H. White Collar Criminality, **American Sociological Review**, v. 5, n. 1, Feb. 1940, p. 1-12.

TOMBS, S.; WHYTE, D. **The corporate criminal**. London/New York. Routledge, 2015.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Chrysotile Asbestos. October 2014. Disponível em: <http://www.who.int/ipcs/assessment/public_health/chrysotile_asbestos_summary.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2016.

Recebido em: 26/06/2018

Aprovado em: 29/04/2019

